

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: _____

Data: 09.07.75 Pg.: _____

Para Apoena, os atroaris são uma incógnita

Do correspondente e da Sucursal

"Tudo é difícil agora, porque os índios estão revoltados ou temerosos de sofrer uma represália do branco pelo massacre que praticaram contra o Gilberto Pinto. E, depois, não conhecemos nada sobre os seus costumes: são duas tribos que formam comunidades diferentes, embora falem o mesmo dialeto". Assim se manifesta o sertanista Apoena Mairelles sobre o contato com os waimiris-atroaris. Quatro meses depois das primeiras tentativas, Apoena continua na mesma situação de quando chegou à região, com 63 mateiros experimentados e 13 índios xavantes: não tem nenhuma condição de fazer uma avaliação, mesmo superficial, sobre o comportamento dos índios já que a todos os esforços não correspondeu nenhuma reação definida.

Para Apoena — cuja expedição, desde domingo, vem sendo ameaçada pelos waimiris-atroaris, que deixaram sinais de guerra na mata — só restava uma saída para sua expedição obter sucesso junto aos índios e escapar a um eventual massacre: "Aguardar que os índios apareçam de novo para tentar

mos, então, um contato direto com eles, com habilidade, astúcia e, acima de tudo, coragem".

Nada mudou

Ele sabe que o índio só ataca quando percebe que o branco está em desvantagem numérica, desprevenido, desarmado ou com medo. Uma semana depois de haver chegado à região ele estava informado de que os índios "não estão aceitando qualquer contato com os brancos, como sei também, pelos fatos anteriores, que eles repudiavam a presença da Funai em suas terras". No entanto, segundo informações obtidas junto aos mateiros da região, os índios continuavam mantendo contatos e comercializando peles de animais selvagens com brancos, embora trucidassem funcionários da Funai. "É preciso descobrir o porquê disso", afirmava na ocasião.

Hoje, a situação não mudou. Os atroaris retraíram-se ainda mais, depois do massacre à expedição do sertanista Gilberto Pinto, ocorrida em dezembro passado. E, logo depois, começaram as chuvas e os índios não procuraram outro contato com os brancos. Agora, com o fim da época das chuvas, eles estão voltando às suas áreas de caça. E será difícil evitar um

contato com o branco, que poderá ser inamistoso.

Apoena já sabe que terá de mudar a tática de atração dos waimiris-atroaris. Os índios não recolheram nenhum presente dos que foram deixados pela expedição. E, mesmo reconhecendo que, na mata tudo é imprevisível, ele admite que os waimiris-atroaris "são realmente diferentes das outras comunidades indígenas que conhecemos".

O sertanista acredita, no entanto, que "no fundo eles são bons, e se massacraram tantos brancos é porque esses brancos não fizeram algo de errado, tentaram perverter a sua índole, os seus hábitos, a sua crença".

Manaus-Caracarái

Na verdade, muitas histórias já foram contadas para explicar o comportamento dos waimiris-atroaris. Fala-se, inclusive, que no passado um grupo de foragidos de uma prisão de Manaus esteve vários anos vivendo entre os índios, tendo-lhes transmitido uma visão negativa do chamado mundo civilizado. No entanto, foi com a abertura da estrada Manaus-Caracarái e a consequente chegada das primeiras turmas de topografia e desmatamento, que os índios passaram a expulsar os brancos. Em 1967, a expedição do

padre Calleri fez as primeiras incursões na região dos waimiris-atroaris. E tudo ia muito bem, com os índios aceitando os presentes doados pela expedição, até que, em setembro do ano seguinte, ocorreu o primeiro massacre. Daquela época até hoje, houve outros cinco ataques aos brancos, todos praticados contra o pessoal da Funai.

Apoena Meirelles tem consciência de que os erros cometidos pelas expedições anteriores talvez estejam levando os índios a não aceitar uma aproximação com os brancos. E sabe que a atração desses índios terá que ser lenta, demonstrada, embora vá aguardar que os índios apareçam novamente

para tentar desta vez um contato direto com eles.

"Carta branca"

Ontem, em Brasília, o presidente da Funai, general Ismarth de Araujo Oliveira, afirmava que o sertanista tem "carta branca" para agir. Apoena foi, inclusive, desvinculado da Coordenação da Amazonia da Funai e, agora, está ligado diretamente à presidência do órgão, já que a atração dos waimiris-atroaris é considerada a mais importante da Funai, na qual foram empregados, desde o ano passado, mais de um milhão de cruzeiros. Ele não acredita, no entanto, na possibilidade de um novo ataque do

grupo. Para o general, as flechas cruzadas e penas vermelhas deixadas pelos índios nas proximidades do posto Abonari II, onde se encontra a expedição de Apoena, é um sinal de paz: indica que os waimiris-atroaris estão dispostos a uma nova aproximação com os civilizados.

Entre os técnicos indigenistas, as opiniões se dividem quanto ao trabalho da expedição de Apoena Meirelles. Os missionários, especialmente os do Conselho Indigenista Missionário, acham que não se deve "fazer" buscar qualquer tipo de contato com os waimiris-atroaris nos próximos anos e defendem a paralisação da construção da rodovia Manaus-Caracarái, que corta a reserva dos índios. A invasão de seu território, para os missionários, é o principal motivo da atitude arredia dos waimiris-atroaris.

ção da rodovia Manaus-Caracarái, que corta a reserva dos índios. A invasão de seu território, para os missionários, é o principal motivo da atitude arredia dos waimiris-atroaris.

A Funai prefere manter a frente de atração na área e esperar que os índios busquem espontaneamente o contato. "Já que é impossível deter a construção da estrada — afirmava um técnico do órgão —, considerada estratégica para o desenvolvimento da Amazonia, pois ligará no futuro Manaus a Caracas, é importante que os índios tenham um apoio direto da Funai para evitar contatos indiscriminados com as frentes pioneiras".